

2º seminário
internacional

urbanismo biopolítico

org.

RENA, Natacha
FREITAS, Daniel
BRANDÃO, Marcela
SÁ, Ana Isabel

Associação Imagem
Comunitária

EAD — UFMG
/ Belo
Horizonte

24 — 27
JUN /
2018

24 — 27

JUN /

2018

seminário
internacional
**urbanismo
biopolítico**

ORGANIZAÇÃO

RENA, Natacha; FREITAS, Daniel; BRANDÃO, Marcela; SÁ, Ana Isabel (orgs.)

REVISÃO

Valéria França

CAPA

André Victor & Marilia Pimenta

PROJETO GRÁFICO

André Victor

LICENÇA CREATIVE COMMONS

Atribuição-SemDerivações-SemDerivados

CC BY-NC-ND

1ª edição (livro digital): Julho de 2019

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

Associação Imagem Comunitária

RENA, Natacha; FREITAS, Daniel; SÁ, Ana Isabel; BRANDÃO, Marcela; (orgs.)

2º Seminário Internacional Urbanismo Biopolítico /

Organizadores Natacha Rena, Daniel Freitas, Ana Isabel

Sá, Marcela Brandão – Belo Horizonte: Associação Imagem

Comunitária, 2019. 1108 p. : 17 x 24 cm

ISBN 978-85-69479-21-5

1. Arquitetura – Estética. 2. Arte e arquitetura. 3. Arquitetura e urbanismo.

CDD-701.17

2º seminário internacional **urbanismo biopolítico**

org.

RENA, Natacha
FREITAS, Daniel
BRANDÃO, Marcela
SÁ, Ana Isabel

Associação Imagem
Comunitária

EAD — UFMG
/ Belo
Horizonte

24 — 27
JUN /
2018

16 APRESENTAÇÃO
**SEGUNDO SEMINÁRIO
INTERNACIONAL URBANISMO
BIOPOLÍTICO**

RENA, Natacha; FREITAS, Daniel; SÁ, Ana Isabel; BRAGANÇA, Luciana;
MAIA, Marcelo; BRANDÃO, Marcela.

**42 eixo temático 1
Urbanismo Neoliberal**

**44 a estética do medo e o objeto
na época de sua reprodução
biopolítica**

SILVA, TIAGO AMARAL DA (1).

**66 As contradições do complexo penal
ppp em ribeirão das Neves**

GOMES, THALIA M. (1)

**86 CIDADE MARCA, INTERVENÇÕES
URBANAS E CONFLITOS: Uma
proposta de avaliação**

SÁNCHEZ, FERNANDA E. G. (1); MONTEIRO, POLIANA G. (2); ALVES,
FERNANDA H. M. M. (3)

**104 controle territorial frente ao
desastre-crime da samarco, vale e
bhp billiton**

GUIMARÃES, PAULA (1); LEMOS, RAUL (2)

**136 FAZER DA TÁTICA A ESTRATÉGIA:
o caminhar e o urbanismo tático**

SANTOS, BÁRBARA BRENA ROCHA DOS (1).

**158 OS IMPACTOS MORFOLÓGICOS
DOS GRANDES PROJETOS
URBANOS: A Operação Urbana
Torres do Santa Tereza**

JACOMINI, ANDRÉ ALVES (1); FREITAS, DANIEL MEDEIROS DE (2).

**184 INSUBORDINAÇÃO MATERIAL:
CORPO E A CIDADE
CONTEMPORÂNEA.**

Mestre, Renata Perissinotto Passos. (PPGCA-UFF)

**206 Megaeventos e seus legados:
o controle territorial na
cidade do Rio de Janeiro**

ANTÃO, RENATA C. N.

222 **narrativas do capital: Discursos urbe et orbi sobre o viaduto estaiado de Curitiba**

COMIN, BIANCA P. (1)

250 **OPERAÇÃO URBANA CONSORCIADA COMO PROCESSO E CRISE: o processo da Operação Urbana Consorciada Antônio Carlos/ Leste – Oeste em Belo Horizonte e o urbanismo diante do limite interno do Capital**

Coelho, Thiago Teixeira da Cunha

272 **POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A HEGEMONIA NORUEGUESA: um estudo sobre o papel das empresas no Brasil**

BARBOSA, Danilo C. (1); RENA, Natacha (2).

294 **SOCIEDADE EM CÁRCERE: Uso do espaço público e violência urbana**

VIEIRA, Maria Dalígia Letícia(1); MOTA, Davi Correia Almeida(2); MENESES, Vítor Domício de (3)

316 **#SOMOSTODOSCONTRAPBHAVIVOS: REDE DE LUTA CONTRA A FINANCEIRIZAÇÃO EM BELO HORIZONTE**

RENA, Natacha (1); MOURA, Sírlei (2); MEZZACAPPA, Lucca (3); CANETTIERI, Thiago (4)

354 **TERCEIRO SETOR: Governança e participação na administração urbana**

PORTO, HENRIQUE DIAS (1); RENA, NATACHA (2)

378 **URBANISMO NEOLIBERAL E A ESCASSEZ DE ÁGUA: a importância do desenho urbano sensível à água inclusivo na Serrinha do Paranoá na Bacia do Paranoá – DF**

ANDRADE, LIZA M. S. (1); LEMOS, NATÁLIA S. (2), CONSEVA, CÁTIA S. (3), SOUTO, B. M. (4), UDRY, M. C. F. V (5)

406 **URBANISMO NEOLIBERAL NA ZONA SUL DO RECIFE: Reprodução de desigualdades**

FERRAZ, ANA RÚBIA. (1)

**430 eixo temático 2
Resistências Biopotentes**

**432 A DISPUTA PELO DIREITO À
CIDADE: narrativas e territórios**

NOBRE, Maíra R. (1); LOTT, Lygia (2); RENA, Natacha (3)

**458 As ocupações culturais nos
territórios periféricos da cidade
de São Paulo e as múltiplas
resistências ao urbanismo
neoliberal**

MARINO, Alúzio (1); SILVA, Alberto Gerardo. (2)

**478 Dia de glória: Se todo artista é
marginal, todo marginal é um artista
em potencial.**

PETRUS, MARIA BEATRIZ.

**504 Espaços generificados de
resistência: possibilidades contra
indiferença no urbanismo**

TAVARES, ROSSANA (1)

**526 GÊNERO, CIDADE E VIOLÊNCIA:
Apontamentos sobre a Casa de
Referência da Mulher Tina Martins**

ISABELLA DE ARAÚJO BETTONI (1)

**548 JARDINS POSSÍVEIS: pessoas,
natureza e cidade**

BRAGANÇA, Luciana; REZENDE, Gabriela; SOUZA, Lorena

**572 LUTAS BIOPOTENTES:
MOBILIDADE E JUVENTUDE**

COLOSSO, PAOLO.

**594 MOVIMENTOS SOCIAIS E
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O
FÓRUM DE LUTA PELA MORADIA
EM NITERÓI**

ALVES, LUIZ EDUARDO (1); BIENENSTEIN, REGINA (2)

**614 O comum e as ocupações urbanas
de moradia: reflexões a partir da
Ocupação Solano Trindade**

Petrus do Prado Silva, Fernanda (1); Da Silva Andrade, Luciana (2)

638 “OCUPAS”: protestos pelo direito à cidade e construção de um coletivo comum

IZELI, RAFAELA L. (1)

658 OS COMMUNITY LAND TRUSTS COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA AOS PROJETOS URBANOS NEOLIBERAIS

RIBEIRO, TARCILA F.; ANTÃO, RENATA C. N.

682 PLANEJAMENTO E PARTICIPAÇÃO: ESTUDO DE CASO PURPENDOTIBA, NITERÓI, RJ.

GORHAM, CYNTHIA

704 Por um performer parresista: relações entre filosofia, arte e vida

SILVA, MATHEUS.

724 POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS NA DIFÍCIL LUTA PELO DIREITO À MORADIA: o caso da Ocupação Mama África em Niterói, RJ.

BIENENSTEIN, REGINA; GORHAM, CYNTHIA; BIENENSTEIN, GLAUCO; VERMIL, RAPHAEL

**746 eixo temático 3
Tecnopolíticas**

748 Cartografia como ferramenta de denúncia e planejamento insurgente: experiências na “Cracolândia”, São Paulo, Brasil

MARINO, ALUÍZIO. (1); LINS, REGINA. (2); ROLNIK, RAQUEL. (3); VILLELA, FELIPE. (4); ANZEI, TALITA. (5)

784 CONTRACARTOGRAFIA DO GRAJAÚ: Repensando o território a partir das vivências

MASSIMETTI, FLÁVIA (1); RODRIGUES, MARLA (2); BASSANI, JORGE (3)

806 CONTRACARTOGRAFIAS: tecnopolíticas de espacialização da informação - atores, agenciamentos e sistemas

SPERLING, DAVID (1) RAMOS, GABRIEL (2); SANTANA, MARIANE (3)

834 Da Vila Autódromo às Vargens: Planos Populares na luta contra-hegemônica na cidade

TANAKA, GISELLE. (1); OLIVEIRA, FABRÍCIO LEAL DE. (2); SANTOS, FERNANDA DOS. (3); COLI, LUIS RÉGIS. (4)

864 Do armário DISCIPLINAR à sexualidade ciborgue: Usos e abusos da informação no aplicativo Grindr

RODRIGUES, Gustavo R.

892 ESTUDO PARA O DIAGNÓSTICO E A PROPOSIÇÃO DE PLANO DE AÇÃO PARA O BRASIL EM INTERNET DAS COISAS: Uma análise das propostas para as cidades e dos interesses dos atores envolvidos

BORGES, JÉSSICA (1); BRITO, MICHELE (2); DE SÁ, ANA ISABEL (3); MAIA, MARCELO (4)

918 KERS URBANO: Tecnopolíticas como catalisadores do microplanejamento

Magalhães de Oliveira, Pedro Henrique

946 METROPOLIZAÇÃO DA REBELDIA

TAVARES, FELIPE. (1)

970 Mídias Insurgentes: A influência do midiativismo na cobertura de protestos de rua a partir das Jornadas de Junho de 2013

Davi Figueiredo de Sousa

992 Perícia popular no centro histórico de Salvador. ficções políticas, desentendimentos radicais e encontros com cuidado

ESTÉVEZ-VILARIÑO, Brais; FIGUEIREDO, GLÓRIA CECÍLIA

1016 REDES URBANAS HÍBRIDAS: conflitos na criação dos espaços virtuais de participação

MENESES, Vítor Domício de (1); CARDOSO, Daniel Ribeiro (2); BEIRÃO, José Nuno (3)

**1038 MEMÓRIA, TECNOLOGÍA y
PRODUCCIÓN DEL TERRITORIO
ECUATORIANO**

MARX, JANAINA (1); ESPINOZA, HERNÁN (2); GODOY, IRINA (3);
CEVALLOS, LUIS ANDRÉS (4)

**1068 UBERIZAÇÃO E A AÇÃO POLÍTICA
DA UBER: A precarização como
norma e o uso do território como
recurso**

CASTANHEIRA, GABRIEL ROCHA. (1); DUARTE, LEANDRO RIBEIRO (2)

**1092 UNIVERSIDADE, TECNOPOLÍTICAS,
SINGULARIDADES**

SILVA, BRENO. (1); TOSTES, SIMONE. (2)

POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS NA DIFÍCIL LUTA PELO DIREITO À MORADIA: o caso da Ocupação Mama África em Niterói, RJ.

**BIENENSTEIN, REGINA; GORHAM, CYNTHIA;
BIENENSTEIN, GLAUCO; VERMIL, RAPHAEL**

Universidade Federal Fluminense. Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos e Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
Rua Gavião Peixoto, 343, apto. 2106, Icaraí, Niterói, RJ, CEP: 24.230-093
bienenstein_regina@id.uff.br

2. Universidade Federal Fluminense. Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos
Rua General Pereira da Silva, 237, apto. 901, Icaraí, Niterói, RJ, CEP: 24.220-030
cgorham@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense. Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos, Grandes Projetos de Desenvolvimento Urbanos / Laboratório Globalização e Metrôpole e Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
Rua Dr. Souza Dias, 79, apto. 701, Icaraí, Niterói, RJ, CEP: 24.230-400
gb@id.uff.br

4. Universidade Federal Fluminense. Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos
Rua General Savari, lote 07, quadra 119, Jardim Bom Retiro, São Gonçalo, RJ, CEP: 24.726-020
raphaelvermil@id.uff.br

RESUMO

O artigo discute as dificuldades, obstáculos, estratégias e avanços de movimentos insurgentes na conquista do direito à moradia em um cenário urbano que tende a privilegiar os negócios em detrimento dos direitos e necessidades da população. Toma como caso referência a Ocupação Mama África, situada em Niterói, RJ, que luta contra a remoção e por melhorias de suas condições de moradia, examinando sua trajetória junto ao Fórum de Luta pela Moradia, uma rede de comunidades que coletivamente lutam por seus direitos e cujas atividades são desenvolvidas para chamar a atenção do poder público e da população sobre os problemas enfrentados pela parcela mais pobre dos moradores de Niterói. A comunidade é formada por 26 famílias de baixa renda, majoritariamente mulheres, que ocuparam, ainda na década de 1980, dois casarões e respectivos terrenos. Está situada no bairro de São Domingos, onde se localizam os dois principais campi da UFF. Trata-se de um bairro vizinho ao centro da cidade, em processo de valorização, resultado da proximidade da universidade e de ações recentes do Executivo Municipal voltadas para a revitalização da região central da cidade. Na década de 2010, a interdição dos imóveis pela Prefeitura de Niterói, com a alegação de risco de desabamento, impulsionou a organização dos moradores e a busca por apoio na luta que iniciavam contra a ameaça de remoção. Nesse movimento, eles encontraram suporte jurídico na Frente Internacionalista dos Sem Teto e assessoria técnica no Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos da Universidade Federal Fluminense, o que garantiu, ainda que provisoriamente, sua permanência. A assessoria técnica resultou na elaboração, em conjunto com os moradores, de um projeto de reforma e adaptação daquele espaço, de modo a oferecer condições adequadas de moradia a todas as famílias. Apesar de, em 2013, o projeto ter sido declarado pelo recém-empossado prefeito, como possível modelo de habitação de interesse social para o município, nada ocorreu. Assim, em 2018, frente ao descaso da Prefeitura, foi

desenvolvida atividade de uma semana, um mutirão que incluiu a pintura da fachada principal e a realização de grafites nas paredes dos corredores internos, além da instalação de faixa ao longo da testada convocando as autoridades a tomarem providências. A iniciativa aponta para a possibilidade de articulação de diferentes grupos sociais e ativistas com as questões urbanas. Destaca também o papel da universidade pública socialmente referenciada que, em suas pesquisas e atividades de extensão, busca a participação e o envolvimento de seus alunos, desde o seu ingresso, com os problemas que afligem as classes populares. A repercussão alcançada em diversas mídias locais, algumas de grande abrangência, e o apoio, inclusive financeiro, de instituições e moradores de diferentes pontos da cidade são indicativos das possibilidades de articulação e reforço derivados desse modo de conduzir e incentivar a luta pela moradia e por melhores condições de habitar. No entanto, isso não ocorreu sem o enfrentamento de obstáculos e reveses, indicando que esse processo merece ser examinado, buscando-se apontar perspectivas de desdobramentos e possíveis avanços.

Palavras-chave: Movimentos insurgentes; Assessoria técnica; Habitação de interesse social.

INTRODUÇÃO

A Ocupação Mama África, composta por 26 famílias, majoritariamente por mulheres negras, está situada em São Domingos, zona sul de Niterói, entre dois campi da Universidade Federal Fluminense, bairro que ainda guarda algumas das características do período colonial, com casarões, alguns abandonados e em franco estado de deterioração, outros ocupados por famílias de baixa renda (Figura 1).

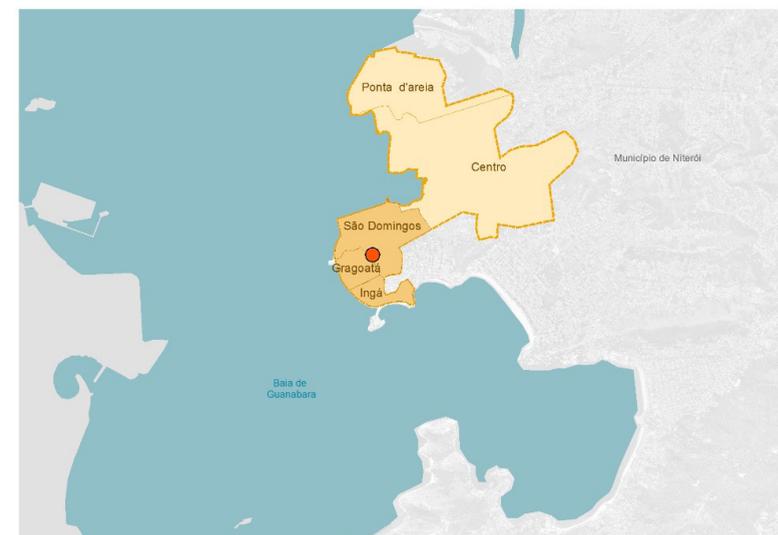


Figura 1 – Localização da Ocupação Mama África, Niterói, RJ. Em amarelo o perímetro da Operação Urbana Consorciada da área central

A comunidade ocupa dois antigos casarões e seus respectivos terrenos e sua origem está ligada a jovens egressas de um orfanato, situado no município Barra do Piraí, RJ (Orfanato Oswaldo Aranha). Conforme foram chegando ao local, a partir da década de 1980, passaram a dividir o espaço com famílias que as antecederam na ocupação. Além do espaço interno dos casarões, em toda a área externa dos dois terrenos foram construídos pequenos cômodos

que funcionam como habitações, separadas apenas por estreitos corredores de acesso ao fundo do terreno em aclive.

O processo de valorização da terra, fruto do avanço do mercado imobiliário na cidade, principalmente a partir dos anos 1990, progressivamente significou a possibilidade de um processo de gentrificação, com a expulsão branca da população mais pobre. Mama África, assim como outras ocupações vizinhas, logo começou a sofrer sucessivas ameaças de remoção por parte da Prefeitura de Niterói, justificadas sempre com argumentos de risco de desabamento.

Com o objetivo de resistir a tais intimidações, buscaram o apoio externo à luta que iniciavam. O apoio jurídico da Frente Internacionalista dos Sem Teto (FIST) e o suporte técnico do Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos da Universidade Federal Fluminense (NEPHU/UFF)[1], ao qual se somou o Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza do Instituto de Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ETTERN/IPPUR/UFRJ), permitiu garantir a permanência dos moradores e moradoras, assim como a manutenção de sua cultura, hábitos e laços de sociabilidade. Possibilitou também elaborar o Projeto Popular Mama África, que expressa seu direito de continuar no local ocupado, com condições adequadas de habitação, salubridade e saneamento, além de afirmar o de decidir seus próprios destinos. Todas as propostas nasceram da troca de experiências e conhecimentos entre a comunidade e as universidades, e

[1] O trabalho do NEPHU-UFF teve origem em fins de 1982, a partir da solicitação de assessoria técnica encaminhada por uma favela ameaçada de remoção total, e sua institucionalização se deu em 1986, em face dos resultados obtidos nesse primeiro projeto. Neste Núcleo se integram atividades de ensino, pesquisa e extensão e dele participam professores, técnicos e estudantes de várias áreas do conhecimento (arquitetura e urbanismo, engenharia civil, geotecnia, ciências sociais, economia, serviço social, comunicação, direito etc.). No que se refere às atividades de extensão, o referido Núcleo está primordialmente voltado para a assessoria técnica ao movimento popular pela moradia, atuando sempre a partir da solicitação das comunidades.

atendem aos critérios exigidos pelos órgãos públicos de financiamento para habitação de interesse social.

● PROJETO popular da ocupação MAMA ÁFRICA

A proposta do Projeto Popular da Ocupação Mama África define uma nova forma de planejar em que é a comunidade que assume o protagonismo do processo e afirma seu direito de decidir seu próprio destino. Nele, os moradores levantaram seus problemas, cadastraram os moradores, apontaram suas prioridades e necessidades, e escolheram soluções a partir de um leque de alternativas desenvolvidas pelas equipes técnicas das universidades, em termos de moradia, saneamento e meio ambiente, e atividades a serem desenvolvidas naquele espaço. Isto foi feito através de visitas a campo, reuniões de orientação e inúmeras assembleias com os moradores (Figuras 2 e 3).



Figura 2 – Situação em 2013

Figura 3 – Reuniões e assembleias com moradores

A análise das condições físicas dos dois casarões apontou para a manutenção e recuperação de um deles e o não aproveitamento do outro, tendo em

vista seu estado extremamente precário. Assim, e com base na composição familiar identificada na Ocupação, foi prevista a construção de dois edifícios de cinco pavimentos, com a proposta, em cada um deles, de espaço para futura instalação de elevador. Nesses blocos, foram distribuídos: a) apartamentos de quarto e sala, destinados a pessoas sozinhas e casais sem filhos; e b) apartamentos com sala e dois quartos para famílias compostas por um dos pais com filhos ou casal com filhos. O casarão preservado abrigará duas unidades habitacionais térreas, uma biblioteca, ampliando e adequando o pequeno espaço de leitura existente e utilizado pelas crianças, e ainda duas salas, uma para atividades de artesanato desenvolvidas pela comunidade e outra, comunitária, para reuniões e atividades de cunho cultural e social, um espaço para atividades coletivas desenvolvidas pela comunidade. O projeto manteve as características locais da área de serviços (lavanderia e secagem de roupas), hoje junto à cisterna, como área de uso coletivo, melhorando suas condições de funcionamento.



Figuras 4 e 5 – Projeto Popular – Localização e perspectiva.

● Processo de luta pelo projeto popular da ocupação MAMA ÁFRICA

Apesar dos marcos regulatórios representados pela Constituição Federal de 1988, pelo Estatuto da Cidade/2001 e a Lei no 11.977/2009, enunciando princípios e diretrizes e facilitando o tratamento da questão habitacional e da regularização fundiária de ocupações informais, e ainda do arcabouço de planejamento composto pelo Ministério das Cidades (2003) e pelos programas e planos implementados a partir dele, apesar de toda esta legislação, a reforma urbana ainda está por acontecer.

Na verdade, desde a década de 1990, o que se tem testemunhado é uma prática de planejamento que se firma, enquanto exercício do *city marketing* (S, através do planejamento de exceção, do planejamento pontual por projeto, da limpeza e resgate de territórios para a ampliação das fronteiras de atuação do capital imobiliário. Abandona-se o enfrentamento de sua complexidade política, social, econômica e ambiental, e as necessidades da classe trabalhadora e dá-se lugar à lógica mercantilista de apropriação e uso do espaço urbano, preparando-se assim a cidade para os negócios e não para as pessoas.

É neste cenário que uma parcela significativa das famílias de baixa renda tem como alternativa de moradia a ocupação informal de áreas ambientalmente frágeis e inadequadas ou de imóveis desocupados ou subutilizados. Mesmo assim, não tem sido sem luta e conflitos que esses grupos conseguem se manter nos espaços conquistados (Bienenstein et.al., 2016).

Niterói não tem sido exceção neste cenário. Também a partir da década de 1990, é iniciado o movimento do poder público municipal no sentido da afirmação da cidade como mercadoria a ser vendida, disputando recursos e investimentos.

Em 2013, ao assumir a gestão municipal de Niterói, o candidato do Partido dos Trabalhadores cria, junto ao movimento popular pela moradia da cidade, grande expectativa de possíveis conquistas. A oportunidade de apresentar o Projeto Popular ao recém-empossado prefeito representou um momento de grande esperança para os moradores, a partir de sua declaração de que este Projeto Popular específico poderia se tornar um modelo de aproveitamento de imóveis vazios e subutilizados para habitação de interesse social.

No entanto, logo ficou clara a diretriz de planejamento que o Executivo municipal privilegiaria, com a adoção de uma proposta de Operação Urbana Consorciada voltada para a revitalização da área central da cidade (Sousa, 2016), apresentada pelo grande capital imobiliário, e que iria gerar intensa valorização fundiária num recorte territorial caracterizado pelas ocupações informais, moradia e comércio populares. Nesta área está localizada a Ocupação Mama África.

A partir dessa primeira ação, outras se seguiram, todas seguindo o receituário do planejamento estratégico voltado para consolidar a cidade amigável aos negócios. Foram assim propostos o Plano Urbanístico da Região de Pendotiba, o Projeto Orla de Recuperação da Lagoa de Piratininga, um Projeto de Mobilidade com abertura de túnel em Icaraí, que beneficiaria uma restrita parcela deste bairro, além da construção da via Transoceânica com a abertura do túnel Charitas-Cafubá.

A partir da reeleição do prefeito, em 2016, a mesma política é continuada, mas a gestão acaba cedendo à pressão pela elaboração da revisão do Plano Diretor, aprovado em 1992. A proposta do Executivo municipal prioriza a preservação ambiental, defende o adensamento da cidade, mas adia o tratamento de questões básicas, como a mobilidade, o uso e ocupação do solo e a habitação de interesse social. A proposta não contempla a reserva de terra para futura implantação de moradia popular e a identificação de todos os assentamentos populares, como Áreas de Interesse Social (vazias e

ocupadas), se recusando a reconhecer a Ocupação Mama África como local de moradia de interesse social. Importante considerar que Niterói é uma cidade com a mais alta renda familiar do estado do Rio de Janeiro de um lado e, de outro, com um déficit habitacional estimado em 15 mil unidades[2], apresentando 85 assentamentos populares precários, onde se distribuem cerca de 40 mil moradias[3].

A repercussão do Projeto Popular da Mama África junto aos responsáveis pela política habitacional no município permitiu a abertura de negociações com a Secretaria Municipal de Habitação e Regularização Fundiária, articulação essa que se estendeu à Caixa Econômica Federal e tornou possível a hipótese de captar recursos através do Programa Minha Casa, Minha Vida Entidades (PMCMV-e). Para isso, foi necessário encontrar um parceiro habilitado junto ao Ministério das Cidades e que tivesse quotas do Programa, o que foi conseguido por meio de parceria com a ONG Soluções Urbanas[4]. Porém, com a lentidão das negociações e as inúmeras exigências a serem cumpridas, a dificuldade de ter a proposta efetivada logo ficou evidente. Essa situação foi agudizada pelos cortes no PMCMV-e, efetivados a partir de 2016, e com a recusa do município em utilizar recursos próprios.

Neste quadro, os moradores perceberam a importância de participarem de coletivos que agregassem outras comunidades que também lutam pelo direito à moradia. Incorporaram-se assim ao Fórum de Luta pela Moradia de Niterói e São Gonçalo, movimento criado em 2017, que reúne moradores e lideranças de territórios populares e busca colocar na pauta da política

[2] Segundo o Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS) de 2011.

[3] UFF; ONU-Habitat, 2012.

[4] Criada em 2002, a Soluções Urbanas é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, voltada para o desenvolvimento de projetos de habitação e desenvolvimento socioambiental. Disponível em: <<http://www.solucoesurbanas.org.br/quem-somos>>. Acesso em 30.05.2018.

pública a questão do direito à moradia e à cidade, entendendo que somente com luta coletiva será possível avançar na conquista desses direitos.

Reunindo-se quinzenalmente, o Fórum discute estratégias para a condução dos casos emergenciais, como ameaças de remoção, perigos de agravamento de situações de risco de escorregamento, solução para famílias que perderam suas casas e a própria discussão e preparação para participar de audiências públicas sobre os projetos apresentados pelo Executivo municipal. Este Fórum tem a assessoria técnica do NEPHU/UFF e jurídica do Núcleo de Terras e Habitação da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro (NUTH/DPE).

Essa articulação do Fórum com o NEPHU/UFF deu origem a um Programa de Extensão Universitária que articula cinco áreas do conhecimento da própria universidade: Arquitetura e Urbanismo, Engenharia, Direito, Serviço Social e Comunicação. É composto por sete projetos, que estão voltados para a elaboração de diagnósticos e planos populares, desenvolvimento de ações de defesa jurídica das comunidades que integram o Fórum, ações sociais e a comunicação entre os integrantes deste movimento, divulgação de seus direitos e deveres, além da promoção de eventos voltados para a formação e capacitação de seus integrantes para a defesa do direito à cidade e à moradia. É objetivo do Programa também chamar a atenção para o problema de moradia que atinge inúmeros territórios populares, entre eles a Ocupação Mama África.

Nesse contexto, foi proposta a atividade aqui estudada, como forma de dar visibilidade à causa e de protestar contra a inépcia da Prefeitura.

A SEMANA DE ATIVIDADE

Um dos principais objetivos do Fórum é, por meio de eventos diversos, dar visibilidade ao problema de moradia enfrentado por parte significativa das famílias residentes nos municípios de Niterói e de São Gonçalo. O suporte técnico de uma universidade pública, socialmente referenciada, está voltado,

por meio de suas pesquisas e atividades de extensão e com a participação e o envolvimento de seus professores, pesquisadores e alunos, para desenvolver estudos, planos e projetos populares que funcionem como instrumentos de defesa de direitos daquelas comunidades e que contribuam para a formação de novos profissionais comprometidos e capacitados para resolver os problemas que afligem as classes populares.

Neste sentido, foi proposta a realização da atividade na Ocupação Mama África, de modo a dar maior visibilidade para a precária situação da comunidade e provocar as autoridades a tomar providências urgentes. Esta atividade pretendia, mesmo não resolvendo os graves problemas enfrentados por aquelas famílias, uma maior articulação de diferentes coletivos, grupos sociais e ativistas, e divulgar amplamente as suas lutas. O mote principal do evento estaria na manifestação anterior do governo municipal, que teria apontado o Projeto Popular da Ocupação Mama África como modelo para Niterói. As atividades convergiam para um mutirão de pintura da fachada principal (o casarão de frente de rua e o muro de frente do casarão recuado), com a realização de grafites nos corredores internos de acesso à comunidade, além de instalação de faixa de protesto ao longo da testada.

O evento foi programado para o início do semestre letivo e possibilitou o envolvimento de estudantes calouros do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFF, tendo feito parte das atividades programadas para o “Trote Cultural”[5]. Representou uma experiência diferenciada de recepção aos calouros, escapando dos tradicionais festejos e pinturas dos corpos dos alunos, colocando-os frente a frente com a realidade de moradia de amplos

[5] Alguns dos alunos conheciam o Projeto Popular Ocupação Mama África e já haviam participado das reuniões do Fórum de Luta pela Moradia, o que os motivou a lançar mão do incentivo oferecido pela Pró-Reitoria de Graduação da UFF (PROGRAD/UFF). O projeto incentiva os novos universitários à realização de atividades socioculturais e voluntárias, agregando assim valores e experiências societárias às suas vidas acadêmica e pessoal.

segmentos dos trabalhadores. Ao aceitar a sugestão da equipe de professores e alunos do NEPHU, o Diretório Acadêmico do Curso de Arquitetura passou a indicar, aos calouros, o trote social como atividade colaborativa, o que permitiria dar aos novos alunos uma outra perspectiva sobre a cidade, a partir da visita e do contato com uma comunidade vizinha às instalações da Escola de Arquitetura e Urbanismo, assim como colocar a “mão na massa”, pintando paredes.

Foram realizadas várias reuniões e atividades prévias de organização para a elaboração de orçamento, abertura de campanha de financiamento coletivo online para a arrecadação de fundos que viabilizasse a compra do material necessário, realização de breve vídeo ilustrativo para a plataforma de financiamento, com depoimento dos moradores, venda de rifas (de dois livros e uma bicicleta montada por profissional morador da Ocupação), além da distribuição desses afazeres e a compra do material necessário. A mobilização e o envolvimento da comunidade e dos coletivos do Fórum assumiram papel central na organização.

O evento propriamente dito estendeu-se por uma semana e compreendeu as seguintes atividades:

(i) Roda de conversa com a participação de calouros, alguns moradores da comunidade e a equipe do NEPHU/UFF. Os temas compreenderam a responsabilidade social da universidade pública e gratuita e do profissional de Arquitetura e Urbanismo; as atividades de extensão universitária desenvolvida pelo NEPHU; o problema habitacional da classe trabalhadora; além da apresentação das principais características e demandas da Ocupação Mama África (Figura 6);

(ii) Preparação e execução do emboço das paredes da fachada, realizada por moradores da própria comunidade e de outras áreas populares, com a participação e acompanhamento de profissionais da construção civil e a contratação de pedreiro e servente de outra comunidade (Figura 7).

(iii) Pintura das paredes a serem grafitadas, contando com a participação de 25 calouros que passaram a manhã na comunidade conversando com os moradores, aprendendo a misturar tinta e aplicar sobre as paredes. Nessa ocasião os estudantes tiveram a oportunidade de aprender um pouco sobre o Curso que estavam ingressando, conforme seus relatos gravados e divulgados, contendo depoimentos entusiasmados por estarem participando do que identificavam como uma iniciativa com propósito de ação social (Figuras 8 e 9);

(iv) Execução de grafites, por grupo popular de uma comunidade próxima, Morro do Estado, nas laterais dos corredores, com motivos escolhidos pelos próprios moradores, incluindo o desenho do continente africano encabeçado por cabeça feminina e uma homenagem à vereadora e ativista negra Marielle Franco, assassinada naquela semana (Figura 10);

(v) O mutirão para a pintura da fachada e a instalação de faixa de protesto “Prefeito, já temos o projeto. Queremos a obra” - ao longo da fachada foram realizadas no último dia do evento. Foi um momento de confraternização, organizada pelas mulheres da comunidade, que se mostraram especialmente ativas, ocupando parte da via com brincadeiras e jogos ao longo da tarde. Nesta mesma ocasião foi lido um breve manifesto dos moradores que, gravado, seria utilizado para a divulgação dos problemas de moradia nas redes sociais (Figura 11).



Figura 6 – Roda de conversa com calouros / Figura 7 – Emboço das paredes (Fotos de Guina Ramos)



Figura 8 e 9 – Calouros reunidos e pintando as paredes (Fotos de Guina Ramos)



Figuras 10 – Execução de grafite e 11 – Confraternização dos moradores e apoiadores (Fotos de Guina Ramos)

A visibilidade do empreendimento foi garantida através de sucessivas publicações de divulgação nas redes sociais, assim como através da imprensa, tendo sido publicadas matérias ao longo da semana pelas mídias locais[6]. A repercussão alcançada e o apoio, inclusive financeiro, de instituições e moradores de diferentes pontos da cidade foram indicativos das possibilidades de articulação e de reforço derivados desse modo de conduzir e incentivar a luta pela moradia e por melhores condições de habitar (Figura 12). Sem dúvida alguma após todos estes eventos, físicos e virtuais, a comunidade ganhou maior visibilidade. Diversas pessoas queriam entender melhor onde se situava e quais eram as condições do local. Um incidente também é marcante da promoção que as atividades alcançaram: um anônimo chega

[6] Jornais O Fluminense, Toda Palavra, portal online do Conselho de Arquitetura e Urbanismo - RJ e caderno local do jornal O Globo.

à comunidade em uma noite e, intimidando, exige a remoção da faixa que sugeria ao prefeito a tomada de providências. Ainda que expressa de uma maneira não desejada, a comunidade foi notada. Pode-se afirmar que, com todas as dificuldades, o objetivo tinha sido alcançado, ainda que em parte.

TODA PA LA VRA *do dia*

Está nascendo o primeiro jornal diário para celular de Niterói

Primeira página Niterói País/Mundo Estado/Cidades Outras editorias

Edições anteriores - Niterói

Mutirão solidário muda a cara da Ocupação Mama África em Niterói

March 16, 2018



A comunidade Mama África vai realizar, em parceria com estudantes da UFF e o Fórum de Luta pela Moradia de Niterói, no próximo 17/3, a última etapa de um mutirão de reforma da sua fachada e renovação da pintura e grafite dos espaços internos. No último 13/3, calouros da Arquitetura da UFF participaram de uma primeira etapa do mutirão. Nestas quinta (15/3) e sexta (16/3), será feita a grafiteagem dos corredores com artistas do Morro do Estado e outros. Neste sábado, será concluído o acabamento da obra e haverá uma grande confraternização com comida boa e bebida, além de apresentações de teatro e música.

Figura 12 – Matéria publicada no jornal Toda Palavra, 18.03.2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta de comunidades pelo direito à moradia, assim como pelo direito à cidade, vem sendo uma constante em Niterói. O privilégio dado ao capital imobiliário remonta, no mínimo, às três últimas décadas, tendo se agravado paulatinamente. A demonstração da falta de vontade política para implementar uma política pública voltada para a HIS é notória. Instrumentos do Estatuto da Cidade, como a demarcação de áreas/imóveis com a Ocupação

Compulsória, IPTU progressivo, Direito de Preempção, simultaneamente com Área de Interesse Social, voltados para garantir a função social da propriedade, a regularização fundiária e a urbanização de áreas populares, são relegadas para um futuro sempre sem data. Na verdade, as sucessivas gestões municipais têm se recusado a efetivamente tratar do problema de moradia que aflige os trabalhadores mais pobres da cidade. Nos últimos anos, com o Programa Minha Casa Minha Vida, a única ação tem sido a construção de conjuntos habitacionais. Ainda que se reconheça o avanço que foi a implantação dessa política nos últimos anos, esta ainda guarda inúmeras falhas ou incompletudes que não estão dirigidos a atender os interesses da classe trabalhadora mais pobre. A fundação do Programa se estrutura - equivocadamente - sobre o setor empresarial que decide os terrenos que melhor lhe atende às necessidades de reduzir custos, que recaem também na baixa qualidade das construções. Estes empreendimentos são realizados, se não em terrenos inadequados, sempre na periferia, em locais com valores mais acessíveis aos construtores e, no entanto, mais caros para a população, na medida em que lhes impõem não somente um gasto financeiro, mas também horas a mais de transporte até o local de trabalho, isto acontecendo em uma cidade com graves problemas de mobilidade e engarrafamentos em qualquer hora do dia. Além da distância do local de origem, que resulta na perda de referências culturais, a adoção de sorteio na distribuição das unidades habitacionais e não de escolha pelas famílias contempladas destrói as redes sociais previamente existentes.

Fator adicional a esse cenário de descaso com o direito à moradia pode ser atestado por recente divulgação de prestação de contas do Fundo Municipal de Habitação de Interesse Social - FUHAB - ao Conselho Municipal de Política Urbana (abril 2018)[7], quando ficou evidenciado que o problema não é a falta de recursos financeiros, já que a expectativa de investimento em

[7] Gravação disponível em: <<https://youtu.be/a8mAmhgEtCs>>

construções destinadas a HIS para 2018 é de apenas aproximadamente 20% do valor deste Fundo[8].

Nesse contexto, o trabalho realizado junto com as comunidades que integram o Fórum de Luta pela Moradia, entre elas, como mostra o presente relato, a atividade realizada na Ocupação Mama África, é revelador também das dificuldades, em particular o cansaço e o desânimo que, de modo geral, se abatem sobre essa parcela da população que, além de buscar cotidianamente sua sobrevivência, deve ainda lutar por direitos que a Constituição lhes garante. O esforço dessa população em participar de reuniões à noite, após longo dia de tarefas e trabalho, para discutir questões relativas à moradia, exige uma persistência e determinação que é frequente e subliminarmente minada por membros, mais ou menos, próximos do governo que acenam com facilidades que nunca chegam, mas que podem aplacar o ânimo para a luta. Não foi diferente com a realização deste evento, que não ocorreu sem o enfrentamento de obstáculos e reveses.

Considerando o nível de precariedade e pobreza dos moradores da Ocupação Mama África, e o tempo de luta, as dificuldades e as ameaças que têm enfrentado, não se poderia ter como expectativa uma organização e mobilização ininterrupta, forte e permanente. Na verdade, esta comunidade, apesar de seu histórico de luta, não chegou a forjar uma liderança forte, criando uma estrutura horizontal frágil onde se sobressai um ou outro personagem. Assim, este processo tem se desenvolvido com altos e baixos, encontros e desencontros, mas sempre, porém, numa curva ascendente. Isto se refletiu na própria organização do evento e no grau de participação dos moradores. O evento contribuiu para o envolvimento de moradores que, até então, pouco participavam das atividades e reuniões. O Fórum e seu

trabalho passaram a ser mais conhecidos por esta comunidade assim como por apoiadores de outras comunidades. Ainda que os laços não tenham se estruturado da forma desejada, há a certeza de que “algo” aconteceu na vida daquelas famílias que se envolveram com a atividade. Da mesma maneira com todos os participantes do Fórum e os calouros e demais estudantes.

O desafio atual da luta da população da Ocupação Mama África é fazer chegar o Projeto Popular ao Executivo municipal e conquistar a sua implementação. Nesse sentido, estão programadas algumas outras atividades, como a publicação do Projeto Popular e sua apresentação para subsidiar o encaminhamento ao governo das reivindicações dos moradores. O Projeto Popular da Mama África torna-se assim, instrumento de luta. Ainda que a materialização final desejada, com a implantação das propostas nele contidas, possa estar em um futuro não muito próximo, a publicação poderá representar uma concretude necessária para o avanço e fortalecimento desta luta.

A Ocupação Mama África é mais um reflexo da realidade de moradia de uma grande parcela dos moradores (em torno de 25% em cidades do Sul, atingindo índices superiores no Norte e Nordeste do país) que constroem essa cidade e que deveriam ter direito à moradia digna sem ter que lutar por isso. Nesse cenário o NEPHU/UFF, parte de uma universidade pública socialmente referenciada, vem cumprindo seu papel de estar ao lado da classe trabalhadora, seja preparando profissionais para ir além do atendimento das demandas do mercado, mas para efetivamente responder às necessidades da sociedade, em especial a sua parcela mais empobrecida, além de gerar e disponibilizar conhecimento técnico que possa subsidiar movimentos insurgentes de luta pelo direito à cidade. A universidade pública e socialmente referenciada, ao se comprometer com esta pauta de atuação, cumpre sua função de devolver à sociedade o que dela recebe.

[8] Importante esclarecer que o saldo total do FUHAB de Niterói é da ordem de 13,5 milhões de reais, oriundos exclusivamente da Outorga Onerosa do Direito de Construir e respectivos rendimentos, embora haja outras fontes de recursos ali não computadas.

Referências BIBLIOGRÁFICAS

BIENENSTEIN, R.; **BIENENSTEIN G.**; FREIRE, E. H. B.; Limites e possibilidades da assessoria técnica na luta pelo direito à moradia e à cidade. In: *IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, 2016, Porto Alegre. Anais do IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre: PROPAP / UFRGS, 2016. p. 1-16.

BIENENSTEIN, R. **et al.** *Monitoramento de indicadores socioeconômicos nos municípios do entorno do Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro: COMPERJ: boletim eletrônico de acompanhamento no município de Niterói: 2000-2010*. 1. ed. Niterói: EDUFF, 2012. v. 1. 51p.

CAU-RJ. *Mama África realiza novo mutirão para reforma de sua fachada*. Disponível em: <<http://www.caurj.gov.br/mama-africa-realiza-mutirao-para-reforma-de-fachada/>>. 13/03/2018.

O FLUMINENSE. *Mutirão revitaliza fachada de casarão*. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/en/cidades/mutir%C3%A3o-revitaliza-fachada-de-casar%C3%A3o>>. 17/03/2018.

O GLOBO. *Mutirão vai revitalizar a comunidade Mama África, em Niterói*
Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/mutirao-vai-revitalizar-comunidade-mama-africa-em-niteroi-22475603#ixzz5CYdTAaFz>>. **10/03/2018.**

SÁNCHEZ, Fernanda. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chapecó: Argos, 2003. 2ª ed. 2010.

SOUSA, Daniel Mendes Mesquita de. *Limites e possibilidades das operações Urbanas Consorciadas: Notas sobre o Caso da área Central de Niterói (RJ)*. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ. 2016.

TODA PALAVRA. *Mutirão solidário muda a cara da Ocupação Mama África em Niterói*. **18/03/2018.**